



3 1761 06184624 2

Q
261
3Z926
925
.1
OBARTS

VISCONDE DE VILA-MOURA

As Cinzas de Camilo

NOVOS DOCUMENTOS

«Da região escura vem bater-me
na fronte uma aragem fria...»

CAMILO.

(SEGUNDA EDIÇÃO)

EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO



LIBRARY

OCT 0 2 2000

UNIVERSITY OF TORONTO



Reservados todos os direitos de reprodução nos
países que aderiram à Convenção de Berne ;
Portugal : Decreto de 18 de Março de 1911 ;
Brasil : Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

Emp. Ind. Gráf. do Pôrto, L.da
R. Mártires da Liberdade, 178

AS CINZAS DE CAMILO

DO AUTOR:

CONTOS, NOVELAS, ROMANCES

Doentes da Beleza.
Boémios.
Obstinados.
Nova Safo.
Os Últimos.
Pão Vermelho.
Um homem de treze anos.
Cristo de Alcácer.
Calvário de um violento.
Almas do Mar.
O Imaginário.
Irmã das Árvores.
Uma família de Ibsen.
Luz Fremente.
«Palma Mater».

OUTRAS OBRAS

A moral na Religião e na Arte.
A Vida Mental Portuguesa.
Vida Literária e Política.
Camilo Inédito, anotado.
António Nobre.
Grandes de Portugal (com A. Carneiro).
Fialho d'Almeida.
Fanny Owen e Camilo.
Cinzas de Camilo.

VISCONDE DE VILA-MOURA

As Cinzas de Camilo

NOVOS DOCUMENTOS

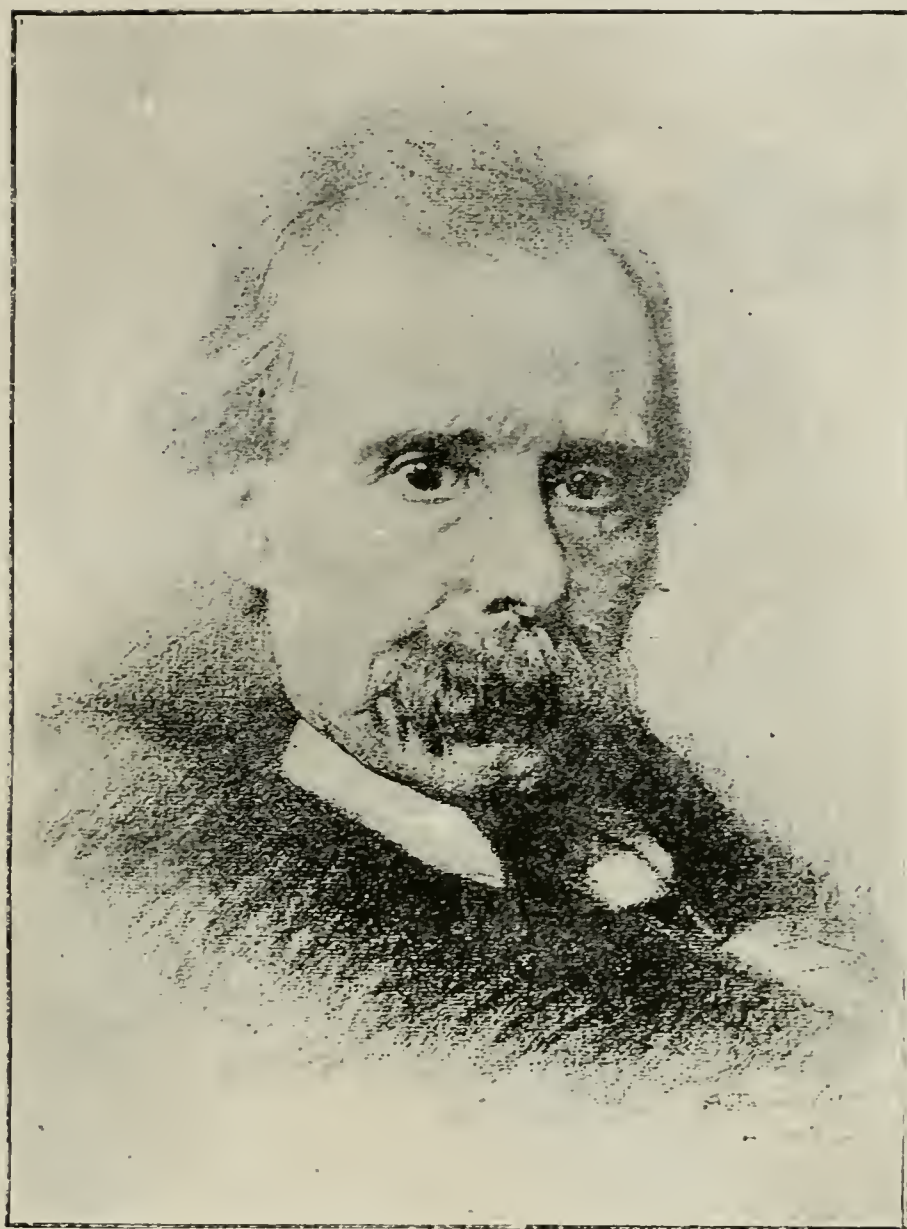
(SEGUNDA EDIÇÃO)



EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

A

NUNO PLÁCIDO CASTELO BRANCO .



CAMILO CASTELO BRANCO

(Desenho de António Carneiro).

AS CINZAS DE CAMILO

« Da região escura vem bater-me
na frente uma aragem fria... »

CAMILO CASTELO BRANCO.
— *No Bom Jesus do Monte.*



PREFÁCIO DA
SEGUNDA EDIÇÃO

Ao publicarmos em 1917 o opúsculo — Cinzas de Camilo, éramos bem longe de supor que logo se esgotasse.

Servira a prevenir os admiradores de Camilo para que não permitissem que fôsse remexer-lhe as cinzas uns para quem a consagração do Panteão é prêmio obrigado aos grandes homens.

Esgotado o livrinho, considerámo-lo obra morta, por desnecessário.

Parecia-nos que desde que se tor-

nasse bem pública a disposição de última vontade de Camilo, acêrca do destino definitivo dos seus restos, — não mais nos seria preciso voltar ao assunto.

Teve a sua história e logrou os devidos efeitos a primeira publicação dos presentes documentos.

Em 4 de Julho de 1914, remetemos ao Século cópia da carta de Camilo a Freitas Fortuna, de 6 de Abril de 1888, evitando, com a sua publicidade, a transladação dos restos do Romancista para os Jerónimos, que a Câmara dos deputados havia projectado. De facto, esta reconsiderou, e as cinzas de Camilo quedaram na Lapa.

O opúsculo serviu a desenvolver o caso, instruindo-se com outros documentos, e uma proposta destinada a lembrar, à maneira do que sucede em tôda a parte, em casos dêstes, o levan-

tamento de um cenotáfio nos Jerónimos, em honra de Camilo.

Eis o que sempre nos pareceu fácil e condigna homenagem.

E eis porque de-veras nos surpreendeu que, ainda a propósito do Centenário, de novo volte à discussão a pretendida transferência dos restos de Camilo para os Jerónimos!

Mais: é da parte de alguns dos que maior obrigação tinham de zelar a última vontade do Escritor que, desta vez, surge o alarme!

De facto, a 22 de Março de 1924, publicou o Diário de Notícias uma proposta do Snr. 1.º secretário da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, sob os dizeres seguintes:

A CIDADE DO PÔRTO RENOVA A SUA
MALOGRADA TENTATIVA DE HÁ 28 ANOS.

*Ora uma das cláusulas da proposta é o pedido de trasladação!*¹

Esta proposta informa, sem dúvida, da parte do Snr. 1.º secretário da Associação dos Jornalistas e Homens de Le-

¹ Eis o texto completo da notícia :

Pôrto, 21 — A idea da consagração centenária de Camilo está tomando vulto entre os cultores das boas letras e todos quantos aprenderam a admirar, de longa data, o genial romancista. A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto vai fazer reviver a sua iniciativa de há cerca de 30 anos, agora com maior oportunidade, para se tratar da comemoração do centenário do egrégio escritor.

Se é certo que Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, o Pôrto ufana-se de ter sido aqui que êle passou o seu tempo mais fecundo de escritor, aqui escrevendo e publicando as suas admiráveis produções. O seu nome, porém, rebrilha tanto no livro de honra das nossas glórias literárias, que a consagração a prestar-lhe deve ser de todo o país.

Os intuitos da Associação dos Jornalistas estão substanciados na seguinte proposta :

« A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto decidiu há 28 anos, em assembleia geral, tomar a iniciativa de uma homenagem à memória de Camilo Castelo Branco. Para êsse efeito, nomeou uma comissão especial que, juntamente com a direcção, acordasse no melhor meio de realizar essa homenagem. A comissão ficou constituída pelos consócios: dr. Ricardo Jorge, dr. Ferreira da



D. ANA AUGUSTO PLÁCIDO



tras o desconhecimento dos documentos publicados em 1914 e 1917. Quanto à cidade do Pôrto, de todo nos repugna crer que ela, que recebeu de Camilo o precioso legado dos seus restos, o en-

Silva, Alberto Correia, Carlos Afonso e António J. Alves. A direcção era composta por: dr. Maximiano Lemos, presidente; João Ramos, vice-presidente; Firmino Pereira, 1.º secretário; Jaime Filinto, 2.º secretário; Visconde Vilarinho S. Romão, tesoureiro; Acácio Pereira e Heliodoro Salgado, vogais. Em outra assembleia, expressamente convocada para êsse efeito, foi decidido mandar celebrar na capela da Lapa um serviço religioso, seguido de uma manifestação no cemitério, onde jazem ainda os restos do grande escritor, erigir-lhe uma estátua e promover a trasladação das suas cinzas para o Panteão dos Jerónimos. No dia 1 de Junho de 1895, aniversário da morte do glorioso romancista, celebrou-se na Lapa a primeira das manifestações consagradas à sua memória. Com a data de 14 de Abril de 1896, esta Associação enviou à Câmara dos Deputados uma representação pedindo aprovação para um projecto de lei concedendo desde logo as honras de consagração e de apoteose nacional às cinzas de dois imortais: Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco. Êste documento (que está transcrito no relatório da gerência de 1897-98) foi apresentado na sessão de 1 de Junho daquele ano e do referido projecto de lei tomou a iniciativa, no Parlamento, entre outros deputados, o sr. dr. Queirós Ribeiro.

Por motivo da celebração do 1.º centenário de Al-

jeite com a aprovação de um tal alvitre.

Contudo, vê-se que, ao contrário do que pensávamos, não só a publicação dêste melindroso processo é ainda

meida Garrett, esta Associação novamente representou à Câmara dos Deputados, em data de 6 de Abril de 1899, pedindo, ainda uma vez, instantemente, a renovação da iniciativa e a aprovação daquele projecto, pelo qual se erigia o grandioso monumento dos Jerónimos em panteão nacional e se assinalava aí lugar, desde logo, às cinzas de Garrett e Camilo.

Garret foi trasladado depois para os Jerónimos e a sua trasladação fez-se por iniciativa da Sociedade Literária Almeida Garrett. Camilo continua ainda no cemitério da Lapa em jazigo de família, que não é a sua. Aproveitando o ensejo de se estar agora a recordar, pela imprensa, a gratidão nacional, entre outros, êste vulto eminente das letras pátrias, proponho que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto represente novamente ao Parlamento, insistindo no pedido que lhe fez, há já quasi 30 anos, de se prestar condigna homenagem à memória de Camilo Castelo Branco.

Pôrto, 21 de Junho de 1923.

O 1.º Secretário da Direcção

Luís Ferreira Gomes.

hoje precisa, como o fôra em 1917, mas, porventura, mais necessária, mais oportuna.

Mas, porque, afinal, o impertinente desejo de transferir para Lisboa um punhado de cinzas de quem tudo dispôs para ficar no Pôrto? ¹

Eis o que mal compreendo! Parece-se pequena a cidade das grandes tragédias e das grandes loucuras de Camilo para lhe guardar os restos?

Ah, bem mais pequena é Ravenna (tem menos de metade dos habitantes do Pôrto) e conserva, contra vontade de Florença e com o aplauso da Itália — o maior italiano, Dante, a quem os fados indicaram sua fâtal jazida!

¹ Não nos referimos de momento ao snr. 1.º secretário da Associação dos Jornalistas que, segundo cremos, ignora êstes documentos, mas a outros que, conhecendo-os, insistem pela trasladação.

Modestíssima é a capela que lhe guarda a ossada, perto do templo de S. Francisco (século XIII) e fronteira à casa em que o grande florentino viveu e onde se lê:

Questa casa fu un tempo dei Palentini che ebbero la gloria de accogliere ospitalmente Dante Alighieri.

Na capela-jazigo, sob uma umbela de louros naturais, a indicação: Dantis Poetæ sepulchrum.

Eis a casa definitiva dos restos de Dante, em memória do qual os florentinos ergueram, em S. Croce, velho templo dos frades mendicantes, desde muito considerado o panteão de Florença, um cenotáfio, em 1829.

Também Miguel Angelo não repousa em Roma.

O panteão romano (Santa Maria Rotonda) velha construção de Agrippa,

restaurada por Adriano, Sétimo Severo e Caracalla, consagrado em 608 por Bonifácio ao culto católico, sob a invocação de Santa Maria ad Martyres — possui, entre outros grandes de Itália (poucos) Raphaël. Não guarda as cinzas de Miguel Angelo, que também não estão em S. Pedro.

De facto, teve o papa a idea de sepultar na Basílica o grande estatuari. E assim o quiseram os romanos.

Mas os florentinos reclamaram!

Vingou a vontade final do Artista, que, lastimoso, expressara «o desejo de voltar morto a Florença já que vivo não tinha podido...»

Secretamente foi o corpo conduzido à cidade do seu último pensamento, sendo sepultado sob um bloco trabalhado por Giovanni dell' Opera, segundo os desenhos de Vasari, no velho

templo de monges mendigos, S. Croce, onde é também Machiavelli.

Ainda em Florença estão espalhados os seus notáveis por diferentes igrejas: Brunelleschi, na Catedral; Cellini na Annunziata.

Derivando de Itália a França, quantos exemplos de grandes nacionais fora do seu maior Panteão!

Assim, o primeiro francês, segundo a França militar e popular — Napoleão, está em edificio próprio, a boa distância de Santa Genoveva!

Chateaubriand é em Saint-Malo. Como constasse, há meses, que o Mar fôra pouco e pouco salitrando a peneira-urna do grande romântico, foi esta vistoriada. Decidiram os peritos que os seus restos eram aí seguros, podendo continuar à guarda do Mar.

Pelo que aí continuam.

Também Rodin, o maior estatuário dos tempos modernos, não figura na galeria de Santa Genoveva.

Como ao seu génio devia repugnar a idea de vir a ser, um dia, engavetado ali!

Bem andou sua herdeira, a França, a quem êle legou milhões, para ela criados do seu génio — afastando-o daqueles subterrâneos! Se êle, o irmão-intérprete das árvores, o amigo incondicional da Natureza, sempre para si desejara, de preferência a festas officiais, as festas da Natureza!

Em razão do que repousa em Meudon, à sombra de um monumento de ruínas, que para si fez levantar; à sombra das suas árvores...

Mas, para que insistir, para que juntar aos exemplos do texto antigo dêste livrinho, mais exemplos?

Se se trata de uma causa tão forte e nítida que por si se impõe!

Entretanto, não descansemos, pois que em Portugal se dão, em questões de sensibilidade, os casos mais extravagantes!

Quem desconhece que, entre nós, são, por vezes, os chamados artistas, os maiores culpados, senão únicos, em nossos estranhos crimes contra a Graça, em nossos fatais dramas de desarmonia!

Para mais, trata-se de Camilo, o grande predestinado.

Ah, com bem mais razão do que Hugo, poderia, êle ter gritado: eu faço parte da Fatalidade!

Ancêde, janeiro de 1925.

VISCONDE DE VILA-MOURA.

PORQUE de novo volta a público a idea da trasladação de Camilo para o Panteão, também de novo entendemos dever voltar ao assunto, menos por discutir as razões daquieies que, contra a sua derradeira vontade, teimam em violar-lhe o jazigo, do que por informar o que a tal respeito deixou escrito.

Mas recordemos os factos. Êles são, de si, tão claros que quási nos dispensam glossário.

Camilo suicidou-se em 1 de Junho

de 1890. No dia seguinte foi o caso conhecido do público pelos jornais, bem como o destino que devia ter o seu cadáver.

Diz o *Correio da Manhã*, de 4 de junho:

PORTO, 2 — «O grande escritor disparou um tiro na cabeça às 3 horas e um quarto da tarde. Caiu logo em estado comatoso, e às 5 horas sucumbiu. O médico Ferreira, de Santo Tirso, afirma que a bala fôra quási até à extremidade do lado oposto».

E em nota sôlta :

«Camilo pedira em tempo a Freitas Fortuna para ser enterrado no jazigo dêle, chegando até a entregar-lhe um documento redigido neste sentido». ¹

¹ Vid. «*O Romance do Romancista*», por Alberto Pimentel.

De facto, no comboio do Minho das 6 horas da tarde do dia 3, chegava ao Pôrto o cadáver do Romancista, acompanhado por Freitas Fortuna, por Espinho, pelo criado Manuel, mais a cauda de dezoito carruagens arrastando a chusma dos repórteres.

Além de Alves Mendes, não comparecera mais um único escritor ou artista, informa ainda o mesmo jornal!

É que metera medo o baque da sua queda, senão o gesso que de si restava e a que a aludida fôlha se refere da maneira seguinte:

A CAMARA ARDENTE—O MORTO.

«A vasta sala, despida de sanefas e de espelhos, com o cadáver sôbre um pano, ao meio, tinha uma solenidade lúgubre que a assemelhava a um templo vazio: o choro da esposa e

o crepitar das luzes eram os únicos sons que interrompiam a fúnebre quietação do aposento.

No seu fato escuro—*pardessus* usado, *frak* e calça preta da mesma fazenda, costume que vestia quando se suicidou—tons roxeados a cercar-lhe as narinas e os olhos, o seu perfil macerado, fortemente vincado de rugas, o farto bigode caindo-lhe lasso, na bôca êsse estranho *rictus* que parece dar ao cadáver um riso de mofa,—o supremo escárneo da morte à vida. Lá estava êle sereno como um adormecido, os pés salientes, a cabeleira negra e comprida, as mãos finas cruzadas sôbre o peito, o morto, mal iluminado pelo clarão de duas velas, parecia seguir com os olhos mal cerrados a dôr da viscondessa que aos pés do seu último leito, abismada na oração, velava sòzinha». ¹

Entretanto Freitas Fortuna, longe de enjeitar o legado dos seus restos, logo fez valer as declarações em seu poder, sôbre as quais também, imediatamente,

¹ Vid. ob. cit.

todos os interessados concordaram, socorrendo-as com dois novos documentos, — o *auto de doação*, assinado por D. Ana Augusta Plácido e Visconde de S. Miguel de Seide; e a *declaração do legatário*, aceitando aquele depósito no seu jazigo da Lapa, com o encargo de aí o conservar perpétuamente.

Reproduzamos, na íntegra, e, por sua ordem, os preciosos documentos.

A primeira carta de Camilo sôbre o assunto:

«Ex.^{mo} Freitas Fortuna,
meu querido amigo.

Revalido, por esta carta, o que lhe propus com referência ao meu cadáver e ao seu jazigo no cemitério da Lapa.

Desejo ser ali sepultado e que nenhuma fôrça ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpétuamente na sua capela.

É natural que ninguém lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade póstuma que se compraza em impôr a violência até aos meus restos.

Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma cláusula testamentária, e, sendo preciso, faça que ela valha em juízo.

Abraça-o com extrenhado affecto e inexprimível gratidão o seu

CAMILO CASTELO BRANCO.

Pôrto, 6 de Abril de 1888.

Esta carta foi pela primeira vez patente ao público no jornal *O Século*, em 4 de Julho de 1914, onde nós a fizemos inserir para evitar que fôsse por diante a trasladação dos restos do Escritor para Belém, que um grupo de parlamentares, a que presidia o ilustre professor sr. Carvalho Mourão, devotadíssimo admirador

de Camilo — tencionava, ainda contra a má vontade de uma parte da Câmara, que, diga-se de passagem, vergonhosamente, e sem conhecimento dêste documento, logo se deu a objectar *inocentes* escusas, à conta de uma tal jornada.

Muito antes, e incidentemente, nos veio à mão esta carta, quando também nós — (que, ao tempo, não tínhamos sequer presente a segunda de Camilo a Freitas Fortuna, sôbre o assunto), nos propúnhamos insistir e colaborar com todos aqueles que, sèriamente, se dessem a promover ou dispor a trasladação, que já de momento, valha a verdade, considerávamos menos como homenagem à sua memória, do que como solução de direito ao repouso definitivo das suas cinzas.

Aprestara-se o ensejo de vermos

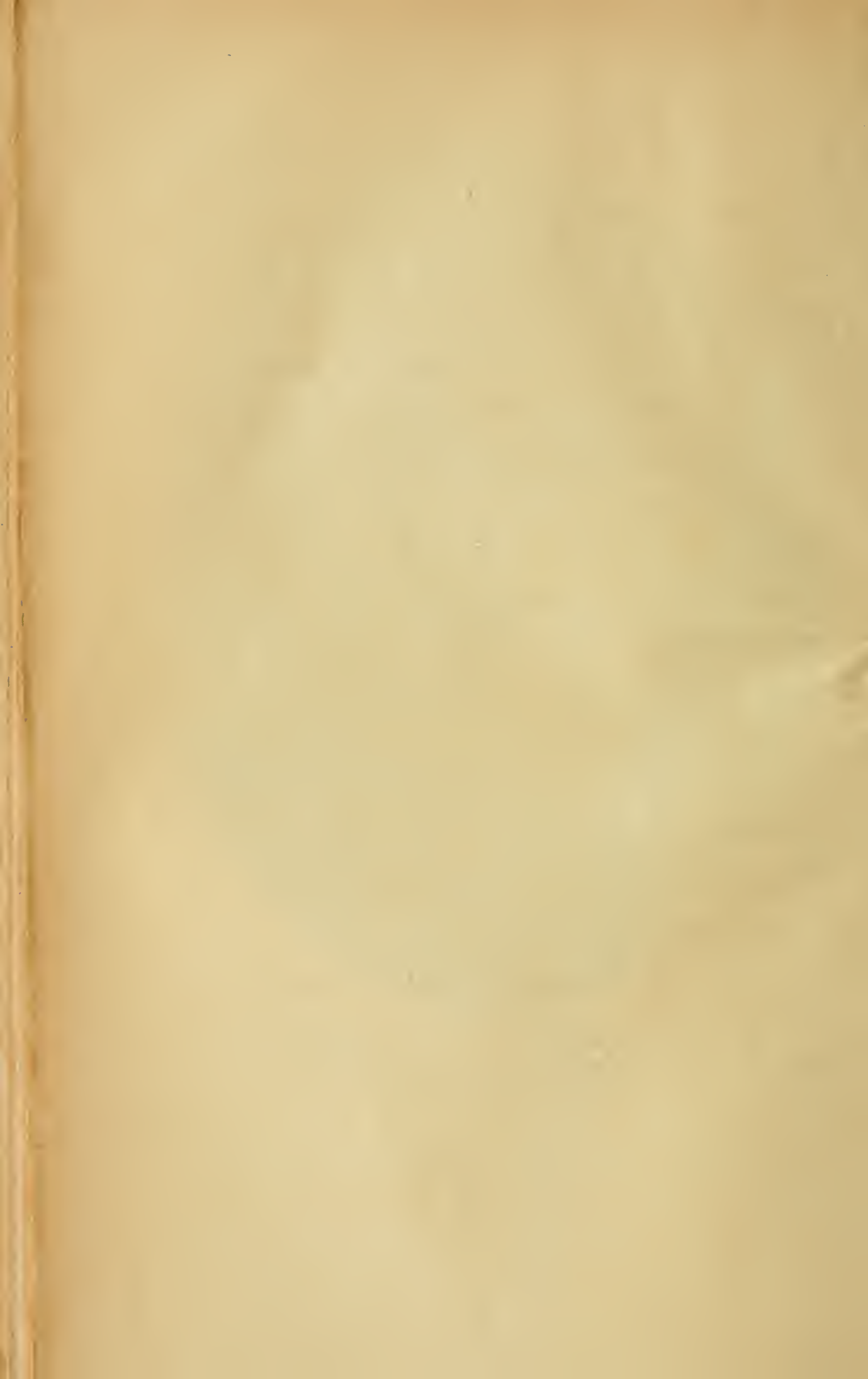
realizadas as nossas esperanças, também dos maiores admiradores de Camilo — Silva Pinto, Sena Freitas e Ricardo Jorge, no melhor número — quando, a propósito da deliberação da Câmara do Pôrto e «Renascença Portuguesa», que, por si, e independentemente da discussão trágico-burlesca dos parliamentos, se propunham levar a cabo uma tal idea, — nós fomos solicitado a ouvir dos representantes de Camilo a sua opinião a tal respeito, isto é, a consultá-los sôbre se autorizariam ou não o levantamento dos restos do Escritor do seu jazigo na Lapa.

É claro, que interfeiri no caso particularmente, e só por aquiescer às solicitações de um ilustre membro da Câmara do Pôrto, também, ao tempo, do corpo dirigente da «Renascença Portuguesa», sociedade literária com séde na mesma



ÚLTIMO. RETRATO DE CAMILO
FEITO NA « UNIÃO »

AS CINZAS DE CAMILO



cidade ¹, e que para aquele efeito se me dirigiu, bem por certo por mera razão da minha idoneidade como incondicional admirador do Romancista, mais pelo conhecimento que porventura tivera das minhas opiniões a tal respeito.

Foi a êste propósito que, conjuntamente com a resposta de Nuno Plácido Castelo Branco, eu recebi a cópia daquela carta, pelo punho do Visconde de S. Miguel de Seide, com a ordem de a usar oportunamente, e como instrução do juízo que seguíssemos no caso da consulta que, por sua vez, êle me devolveia para que sôbre ela as Corporações interessadas resolvessem.

Á face de tão obrigante documento, a sua opinião parece ter sido uma — nunca mais aquelas corporações pen-

¹ O distinto poeta snr. Jaime Cortesão.

saram na trasladação. E daí o silêncio feito à volta do caso, até ao momento em que alguns deputados, aliás no melhor empenho, — o mesmo que a Câmara do Pôrto e a «Renascença Portuguesa» tinham tido — deliberaram voltar ao assunto.

Foi então, repetimos, que, pela primeira vez, entendemos dever publicar aquela carta, como elucidação aos promotores da inoportuna homenagem, e tão cabida ela foi que logo, avisadamente, aqueles desistiram do seu intento, transferindo as importâncias destinadas à sua despêsa para o levantamento de um monumento, infelizmente já bem tardio, a Camilo.

Mas, desde que se tornou inoportuna, por não dizer impertinente, a tras-

ladação, parece ter crescido o número dos devotos de tal idea. Vamos pois, hoje, que estamos de posse de todos os documentos, ver o que, à face deles, aquela vale.

Contudo antes, e por melhor firmar opinião, sigamos no traslado dos que especialmente ao assunto se referem. Tornar-se há mais fácil de ver depois, e a melhor luz, até onde vai a teimosia dos sectários de uma idea hoje absolutamente despropositada.

A segunda carta de Camilo a Freitas Fortuna:

« Meu prezado Freitas Fortuna.

Começo a experimentar uma espécie de affecto póstumo ao meu cadáver.

Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabedal fiz da minha saúde, que já agora me quer parecer, que êste amor ao que nada vale é retribuição devida a esta matéria, que me há de sobreviver alguns anos aviventada pela engrenagem de putrefacção.

Dêste affecto extraordinário, mas não excepcional, resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer falando, quer escrevendo, que aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa.

É bem certo que, para além da campa, há o que quer que seja que ainda nos prende às coisas mortais. Sei que no seu jazigo dormem o sono infinito seus extremosos progenitores.

Ambos conheci na flor da vida, no esplendor da honra, nas lutas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade.

Ambos morreram no vigor dos anos, se podem considerar-se mortas *duas imagens sagradas* que renascem na alma de um filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lágrimas represadas, e que os

anos ainda não puderam cristalizar em glacial indiferença.

Volvido um longo prazo as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas também de seus *pais* estremecidos.

Se a morte tivesse expressão que não fôsse aquele mudo terror de um gesto que ao mesmo tempo aniquila e grava o eterno estigma do silêncio nos lábios gélidos, só ela poderia dar-nos a sombra hórrida em que o seu esquife baixar à perpétua união com os cinerários de seus *pais*. E eu, a essa hora, estarei à beira deles, como testemunha silenciosa das compungidas lágrimas que lhe vi na face quando o coração lhas dava repassadas de uma santa saudade.

Não sei se esta quimera, que vagueia na região tenebrosa e na cripta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina há ano e meio de ser enterrado no seu jazigo.

O meu querido Freitas Fortuna aceitou com ternura a oferta do meu cadáver, e dessa arte, permitindo que eu fizesse parte da sua

família extinta, quis continuar além da vida a tarefa sacratíssima da sua dedicação incomparável. Bem haja, e adeus.

Benfica, 15 de Julho de 1889 ».

Seu do coração,

CAMILO CASTELO BRANCO ¹.

Esta carta foi a primeira que veio a público, tendo sido impressa no *Jornal da Manhã*, de 3 de Junho de 1890, na véspera do dia da entrada do cadáver de Camilo no mausoléu-Fortuna.

Compreende-se que, a despeito do seu texto, os admiradores do Romancista pretendessem ainda o seu ingresso

¹ «O Romance do Romancista», por Alberto Pimentel.

no Panteão, porquanto não é aquela bem frisante e incondicional, como a primeira a que se refere, e que, durante tantos anos, foi geralmente ignorada.

Entretanto, que de ambas as cartas os interessados mais próximos, (referimo-nos à Família-Fortuna e à de Camilo) tinham pleno conhecimento, prova-o não só a circunstância de imediatamente fazerem seguir para o cemitério da Lapa o cadáver do Romancista, mas, ainda mais, o facto de quasi logo as duas partes interessadas se mutuarem as mais claras obrigações para garantirem, perpétua-mente, aquele depósito.

É do teôr seguinte o auto de doação do cadáver de Camilo:

«Os abaixo assignados, D. Ana Augusta Plácido (Viscondessa de Correia Botelho) viúva, e Nuno Castelo Branco (Visconde de S. Miguel

de Seide) vimos na qualidade de espôsa e filho do falecido sr. Camilo Castelo Branco (Visconde de Correia Botelho), ambos residentes na freguesia de S. Miguel de Seide, do concelho de Vila Nova de Famalicão, do distrito de Braga, querendo cumprir as determinações de seu amado espôso e pai, que manifestou a expressa vontade de ser sepultado no cemitério da Real Irmandade de N. Senhora da Lapa (na cidade do Pôrto), no jazigo da família do seu dedicado amigo João António de Freitas Fortuna, a quem por escrito estipulou, «que nenhuma fôrça ou consideração o demova de conservar-lhe as cinzas, perpétuamente na sua capela» —; os abaixo assinados revalidam por êste acto a entrega e doação que fizeram do cadáver do seu querido espôso e pai ao referido João António de Freitas Fortuna, residente na rua de Cedofeita n.º 986, da cidade do Pôrto, que o recebeu e aceitou com o encargo de o conservar perpétuamente na sepultura número um do referido jazigo de sua família, onde está, e onde deve estar *ad perpetuam*. E por isto conferem ao indicado João António de Freitas Fortuna, e aos seus repre-

sentantes, que através dos tempos possam vir, e forem os legítimos possuidores da referida capela, todos os poderes em direito necessários, sem exclusão alguma, e com a faculdade de substabelecerem, para que nunca, e sob qualquer pretexto que seja, possa ser retirado da indicada sepultura perpétua em que jaz o cadáver do sr. Camilo Castelo Branco, porque tal foi a sua expressa vontade dêle, assim como é a dos abaixo assinados, que a fazem boa e querem que seja sempre cumprida como disposição testamentária para o que por êste título de doação onerosa desistem de todos os seus direitos ao referido cadáver e outorgam sem reserva alguma a João António de Freitas Fortuna e a seus legítimos representantes na posse do referido jazigo, a fim de que possam cumprir as condições estipuladas aqui, e para realizarem todos os actos indispensáveis ao integral cumprimento de expressa vontade de seu amado espôso e pai, que respeitam e cumprem, como querem que os seus sucessores ou futuros representantes a cumpram e respeitem. E por esta ser verdade, passam êste acto de doação, que eu, Nuno Castelo

Branco, escrevo e que assinam com as testemunhas Francisco Correia de Carvalho, casado, proprietário da Freguesia de S. Paio de Seide e António Vaz Vieira de Nápoles, solteiro, da cidade de Guimarães. S. Miguel de Seide, 10 de Junho de 1890, e noventa. — (Ass.) *Ana Augusta Plácido, Viscondessa de Correia Botelho; Nuno Castelo Branco, Visconde de S. Miguel de Seide; Francisco Correia de Carvalho e António Vaz Vieira de Nápoles.*

(Segue-se o reconhecimento das assinaturas por João Bernardo Correia do Amaral, em 10 de Junho de 1890).

Aceitação da doação anterior, averbada por Freitas Fortuna naquele auto :

Eu, João António de Freitas Fortuna, abaixo assinado, casado e residente na rua de Cedofeita n.º 986 da cidade do Pôrto, cumprindo o disposto no art. 1466 do Código Civil portu-

guês averbo neste documento a aceitação do cadáver do meu prezado amigo o sr. Camilo Castelo Branco (Visconde de Correia Botelho) e que me foi doado e entregue, e que eu aceitei com o encargo de o conservar perpétuamente na sepultura número um do jazigo de minha família, onde jaz, no cemitério da Real Irmandade de N. Senhora da Lapa, e sob a condição de que nunca, e sob qualquer pretexto que seja, os descendentes de meu bom pai ou usufrutuários do indicado jazigo o tirem da referida sepultura ou consintam que o retirem, como se expôs no auto de doação supra que fez a Ex.^{ma} Sr.^a Viscondessa de Correia Botelho e Ex.^{mo} Sr. Visconde de S. Miguel de Seide, esposa e filho do meu falecido amigo. E por ser verdade o referido aqui, escrevo nesta doação a respectiva aceitação, que assino perante o tabalião e as testemunhas, o sr. Domingos Joaquim Machado, casado, negociante o morador na rua de Oliveira Monteiro e o sr. Albino Pinto dos Santos, solteiro, caixeiro e residente na rua Chã, ambos nesta cidade do Pôrto.

Pôrto, 16 de Junho de 1890 e no-

venta. (Ass.) *J. A. de Freitas Fortuna, Domingos Joaquim Machado e Albino Pinto dos Santos* ¹.

(Reconhecimento feito pelo tabelião Edmundo Maia Campos Silva).

Eis os documentos. Vejamos dos imagináveis argumentos a opor-lhes, por concluirmos, de vez, pelo seu nenhum valor.

Em primeiro lugar, tem-se afirmado

¹ Esta doação, com o respectivo averbamento de aquiescência às suas cláusulas por parte do donatário, hoje na posse da viúva de Freitas Fortuna,—a Sr.^a D. Isabel Maria da Conceição Ribeiro da Silva Santos (a quem também pertence o jazigo da Lapa, onde estão os restos de Camilo)—foi pela primeira vez presente a público, pelo jornal a *República*, de 29 de Setembro de 1916.

Por êste novo traslado, de par dos restantes que apresentamos, se confirma a razão que nos assistia, quando, meses antes, acudimos pelas cinzas de Camilo, publicando o principal documento, agora juntamente com aquele reimpreso, na *República*.

(Nota da 1.^a edição).

que ao Estado pertence escolher a forma e o lugar destinados à melhor consagração dos mortos.

O que vale dizer que os restos de um homem ilustre são para o Estado, como para os que assim pensam, menos do que os da gente humilde que, além daquele, tem por si o direito de escolher o lugar do seu definitivo repouso.

Como temos avançado em matéria de regalias públicas, a ponto de chegarmos, pelo *contrôle* do Estado — da liberdade do homem à escravidão dos seus restos!

Donde a doutrina corrente, que é, mais ou menos, a seguinte: — há um Panteão, e é preciso coleccionar ali todós os notáveis; ainda que, (o caso de Camilo) êle tenha repugnado aos escolhidos!

Dest'arte se volve o Panteão num

forçado museu de ossos, num extravagante colégio de esqueletos, para onde os dos mais notáveis terão fatalmente de ser conduzidos, e, se preciso for, expropriados, em razão da própria utilidade da sua glória!

Ainda mais: — para os que de tal maneira pensam, os grandes homens não ficariam devidamente venerados fora do recinto que o Estado lhes confere!

Nisto, a nosso vêr, o êrro.

É uma scisma quási grosseira, embora vulgar, supor que os outros têm valor sòmente quando lho concedamos; ostensivamente, lho memoremos!

Quando, pelo contrário, o seu valor está com êles, com a sua obra, para além de tôdas as honras e prémios oficiais com que os decoremos.

E, assim, quem curará àmanhã de

saber, por aferir do valor de Camilo, se êle pertenceu ou não às Academias da sua terra?

De igual arte, também os seus ossos não crescem pelo facto de lhos semearmos nos Jerónimos, ou no casarão de Santa Engrácia, embora natural fôsse que para qualquer dos dois monumentos a Nação os conduzisse, se, melhor e mais correctamente, lhe não pertencesse zelar sua derradeira vontade.

Mais. Entre nós, nem sequer há ainda senão uma indicação de Panteão. Os Jerónimos são o abrigo casual dos grandes, poucos, que ali repousam. De resto, o futuro Panteão de Portugal será o sempre novo e já lendário templo de Santa Engrácia!

Porque foi para aí que a primeira assemblea do regimen mandou que a Nação fizesse conduzir seus maiores,

todos os que o tempo fôsse glorificando ¹.

¹ A tal propósito insere o *Diário de Notícias*, de 8 de Março do corrente ano (1917), a seguinte notícia:

«PANTEÃO NACIONAL»

«O snr. ministro da guerra vai dar as ordens necessárias para se concluírem, com a maior brevidade, as obras no edifício do antigo depósito de fardamentos, para ser para ali transferida a oficina de manufactura de calçado que foi provisoriamente instalada no edifício de Santa Engrácia, que por lei foi destinado a Panteão Nacional.

«É de crer que dentro de três meses o snr. architecto Adães Bermudes possa prosseguir nos trabalhos de adaptação daquele grandioso edifício ao fim que por lei lhe foi destinado».

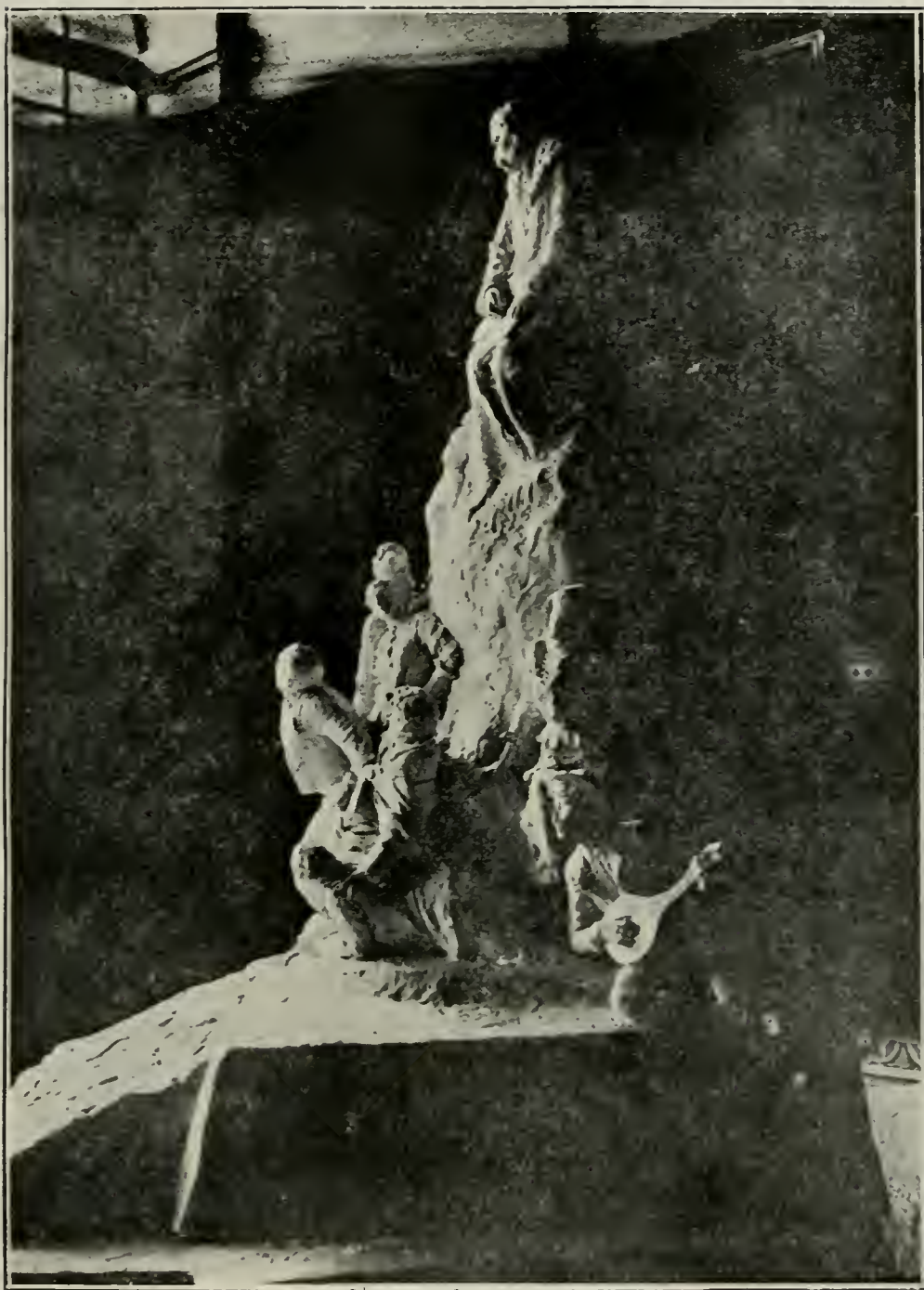
Donde se prova que successivos governos, depois de decretado o afeiçoamento do edifício de Santa Engrácia a Panteão Nacional, para ali ordenaram ou consentiram que fôsse instalar-se uma indústria de calçado, embora, em seu dizer, provisoriamente, porventura até que a multidão de imortais que lhe é destinada, deixe de precisar da instalação!

O que não consta, contra as previsões do *Diário de Notícias*, e letra do decreto, é que o snr. Adães Bermudes tenha prosseguido nos tão esperados «trabalhos de adaptação do grandioso edifício ao fim que, por lei, lhe foi marcado...»

(Nota da 1.^a edição).

Sete anos depois daquelas ordens, continua o edifício de Santa Engrácia sem recolher um imortal!

(Nota da 2.^a edição).



PROJECTO DE MONUMENTO A CAMILO

Por Teixeira Lopes.

S CINZAS DE CAMILO



O Panteão de S. Vicente, privilégio da Casa de Bragança, está cheio a tal ponto, que do exame das suas arcas, a esmo aí postas, mais dá ao visitante a idea de um casual depósito de mortos desarrumados, do que de um templo de sua sagração.

Sob o céu, cheio de sombras do íntimo podredouro, entre veludos, mais um montão de corôas e galões velhos, descansam os reis assassinados, cujas figuras começam de desaparecer na névoa que lhes tolda o cristal dos caixões, cerrando-os, providencialmente, ao espectáculo da sua decomposição em público.

Tem um ar de pátio lúgubre a estranha galeria, cujos silêncios são para o espectador como meditações do grande carnaval histórico a seguir, e que as sombras dos últimos reis parecem ainda reflectir do gesso misterioso

das suas torturadas máscaras emblemáticas.

A um canto, durante anos, repousou D. Pedro II, tão impresso da sua urna que esta se lhe ajustava como um caixilho, donde, distante e bolorenta, surdia, serena, a sua face larga, formando o todo como que uma reprodução daguerreotípica dos seus derradeiros e infelizes anos de exilado!

Ali esperou a guia de marcha para o Brasil, onde, de facto, sempre lhe quedou a alma, e onde, por fim, cansou sua carcassa.

De resto, mais nada que sirva a marcar piedade, ou grandeza; tudo na velha sacristia inculca o entrudo lúgubre das últimas cerimónias e honras oficiais, hoje também, no geral, negadas ou podres, como as mais das flôres funerárias que, ao acaso, aí mirram.

Afinal, um lixo caro, — tudo o que para ali juntaram à volta das urnas do mesquinho Panteão real!

E, entretanto, — ver-se há mais tarde, e à razão de uma verdade melhor — aí velam algumas das maiores memórias que Portugal tem tido, mau grado a herança que as assombra.

Efectivamente, há entre nós alguns monumentos funerários de indiscutível valor, mas êsses não estão em S. Vicente.

Estão em Santa Cruz de Coímbra, em Alcobaça, na Batalha, — enfim espalhados por toda a parte onde uma disposição de última vontade, senão a própria devoção dos povos, os fez erigir.

Estranho caso se passou com Gar-

rett que, apesar de ter clausulado, numa carta, seu natural e carinhoso desejo de repousar no cemitério de S. João, ao lado de seus filhos, — foi primeiramente sepultado nos *Prazeres* e, depois, daí, transferido para Belém!

O que significa, a nosso ver, nunca um precedente a seguir, mas, pelo contrário, uma lamentável culpa da parte da Nação que para ali o trasladou, sem que ao menos reflectisse na maneira por que seria não só justo, mas até naturalíssimo fazê-lo!

Porque, no presente caso, era bem fácil conciliar o desejo dos admiradores do dramaturgo com a vontade por êle expressa.

Bastava ver do seu intento, no documento a que aludimos e donde resulta, patente, a única razão daquelle desejo.

De facto, o que se vê da carta de

Garrett a D. Jerónima Deville, publicada por Francisco Gomes de Amorim, e em que se exprime a indicação do seu jazigo no cemitério de S. João — é, sobretudo, o propósito, bem declarado, de repou-sar junto de seus filhos.

Ora, se a Nação tinha vontade de transferi-lo para os Jerónimos — de seu dever era também que o fizesse acompanhar dos restos daqueles; e, desta forma, o seu preito seria bem maior; e, além de tudo, não revestiria a importuna homenagem que assim foi.

Sirva-nos ainda, de norma o que de justo se tem resolvido, lá fora, em casos semelhantes.

Como aí é patente a melindrosa aten-ção pelos desígnios dos grandes vultos nacionais em tão delicada matéria!

Por uma razão equivalente àquela que consta da carta de Garrett, está no

Panteão *madame* Zola, junto de Zola; e *madame* Berthelot, junto de Berthelot, mortos no mesmo dia.

Isto, sim; é simples, natural. E, contudo, não consta que por tal motivo tenha havido desavença entre os grandes ali memorados.

Balzac, talvez por negligência, se não por ódio da mesma burguesia que tão desapiedadamente êle escalpelou, — está na Père-Lachaise!

E, no entanto, quem o julga menor por isso?

Onde quer que seja, de algum modo continuará a rir; e, se nesse mundo que fica para além daquele em que trabalhou, há lugar para reflexões à sua Obra, o mais que lhe acudirá é, de-certo, a sua mesma aprovação plena a tudo quanto escreveu, ou seja a consciência do acêrto com que traçou o perfil moral dos que,

de momento, lhe são obstáculo à porta do Panteão!

E quem sabe? Talvez que ainda um motivo de valor explique a sua conservação no Père-Lachaise, que, efectivamente, para o caso, não significa menos que o templo de Santa Genoveva!

Porque, repetimos, é inferior aferir da grandeza de um artista, pela estima do lugar onde êle repousa.

Em França, há casos de escrúpulo, no género, por vezes, extraordinários! Assim, em 1885, foi profanada a Igreja de Santa Genoveva, unicamente para que nela entrasse Vítor Hugo! ¹

E, contrariamente, por motivo da confissão católica de Pasteur, não foi

¹ Em 1830 foi transformada a Igreja de Santa Genoveva em Panteão Nacional. Depois, em 1851, voltou a ser igreja, até que, pela entrada de Hugo, foi, de novo secularizada.

êste para aquele templo, mas para o seu próprio Instituto, onde jaz em capela própria.

Eis a maneira correcta de proceder para com um dos maiores da raça latina, e a quem a França laica dispensou da *prova* do Panteão!

Também, quando da morte de John Ruskin, um dos maiores artistas ingleses do século XIX, estilista singularmente notável, um dos mais eloquentes escritores da Natureza, — a Inglaterra ofereceu a sua família o lugar que, para êle, a Nação tinha reservado em Westminster. Pois a família, recusando um tal oferecimento, e em atenção à última vontade do Artista, preferiu sepultá-lo na aldeia de Coniston, perto da escola das crianças do povoado, para quem também êle, no dizer de Robert de la Size-ranne, havia composto os seus cânticos.

«A sua morte, informa êste publicista, que teve lugar a 20 de janeiro de 1900, entre os rochedos e os bosques de Brantwood, à beira de um dos mais belos lagos da Inglaterra, foi o fim próprio da sua vida: em perfeita simplicidade e em discreta beleza. Êle não teve junto de si mais do que dois ou tres de seus discípulos e alguns camponeses. O oferecimento de um túmulo em Westminster, a maior honra que a nação inglesa pode tributar a um seu filho, foi recusada por sua família; e, na célebre Abadia real, apenas recorda Ruskin o seu medalhão, em bronze, colocado no *Panteão dos Poetas*, ao lado do busto de Walter Scott».

Acaso Shakespeare, está em Westminster?

Não está; aí figura êle, simplesmente, em monumento, cercado doutros mármore.

Êle! quem o sabe? talvez, unicamente, a sombra falsa do seu nome, mais o resto da sua lenda ¹.

¹ Não é fácil averiguar com precisão a trajectória da vida de Shakespeare, e sobretudo, os episódios finais da sua morte—ainda pelo estudo dos quatro mil volumes que, a seu respeito, a curiosidade dos eruditos de todas as nacionalidades acumulou.

«Tentar falar ou escrever de Shakespeare, diz Lewis Theobald, é entrar num espaçoso e magnífico edifício por um corredor estreito e tenebroso».

O que mais dêle se apura é que colheu, obscuramente, a sua obra da Terra.

Como, de igual arte, é assente que o homem mais querido e admirado que ainda houve, foi também, até há pouco tempo, um dos mais maltratados. *Poeta maldito* — eis como J. Richepin o indica (1)!

Pope, no prefácio definitivo da sexta edição do *in-fólio* de 1623, considera-o um mero cortesão da plebe.

Voltaire chamou-lhe grosseiro e bárbaro, «impossível de se fazer ouvir pela mais desprezível gente da França ou de Itália» — em derradeira análise, um *selvagem bêbado*!

O reconhecimento público do génio do grande trá-

(1) À TRAVERS SHAKESPEARE, conférences faites à l'Université des Annales.

Presumivelmente jaz em Stratford, no côro de uma velha Igreja gótica, perto de um rio escuro, o Avon, ao acaso, guardado pela esguia escolta das suas árvores.

Indica-o ao viajante, mais do que o

gico iniciou-o o romantismo alemão, sobretudo pelos estudos de Lessing, Goethe, Schiller, Herder e Schlegel. Em França, aparece pela primeira vez bem tratado nos trabalhos de Staël e Chateaubriand.

Revelado o seu génio, começaram os críticos a hesitar sôbre a identidade do autor.

A muitos pareceu, de momento, pouco conforme com tão prodigiosa obra, a parte mais íntima da sua história.

Sigamos nós, contudo, êste fio biográfico, — também o mais geralmente aceito como verdadeiro.

Shakespeare nasceu em Stratford-on-Avon, em 1564, e era filho de um negociante de lãs, homem de medianos recursos e abundante família.

Estudou primeiras letras numa escola pública (*Grammar School*, escola secundária) da terra da sua naturalidade, onde casou, aos dezoito anos, com Ana Hathaway, de quem teve três filhos.

Foi depois para Londres, onde, sucessivamente, parece ter sido moço de teatro, ponto, comediante, e mais tarde empresário, liquidando, em burguês, na sua terra, onde morreu em 1616, no dia em que completou 52 anos.

Eis a mais vulgar das suas biografias.

Há outras mais complicadas, e, contudo, aceites por

monumento, ultimamente ali levantado, uma pedra que mal sobressai da parede,

alguns dos devotos do mito shakespeariano.

Segundo uns, o verdadeiro Shakespeare, teria sido lord Rutland; como, para outros, êle foi lord Southampton, também havido, no concenso do maior número, como aquele a quem o Poeta deveu a apresentação que o introduziu na complicada e brutal côrte de Elisabeth.

Ainda, segundo alguns, êle foi lord Pembroke; como para o maior número dos que teimaram em lhe dar uma representação notável—o próprio chanceler Francisco Bacon!

É de menos interêsse e impróprio às medidas de uma nota a reprodução dos argumentos em que se firmam estas variantes; assentemos, porém, em que nenhuma delas vai além de conjectura.

O autor do *Lord Rutland est Shakespeare*, M. Célestin Demblon, conclui as mais extraordinárias observações acêrca do falso Shakespeare.

Assim, segundo êste autor, êle começou por seduzir a noiva, a quem só desposou, quando ameaçado de morte pela família dela, e a quem empobreceu, gastando-lhe o dote; depois foi vagabundo e engajador de soldados; fôra salteador de estrada; e, mais tarde, protegido por lord Rutland e Southampton, chefe de cavallariça, contra regra do teatro, etc.

De resto, afirma ainda, êle não sabia sequer assinar o seu nome, que emprestara a Rutland, e êste fazia escrever no final das peças, e que, por punhos diversos, apparece também diferentemente ortografado (Shaxpere, Shagsbere, etc.).

Quere dizer, o ordinário e baixo *Shagsbere* é nem

com uma quadra-aviso, geralmente atribuída ao grande Poeta.

mais, nem menos do que um personagem dos dramas de Rutland — o seu Falstaff, cínico e crapuloso, bêbado e usurário, de quem o lord usava o nome por firmar as peças, que considerava abaixo da sua notória prosápia!

Ah! com que oportunidade, lidos êstes fantásticos passos do genial poeta maldito nos veem à memória as palavras que, da sua alma, êle passou para a bôca de Macbeth:

«A vida! mas se a vida não é mais do que uma história, contada por um tolo furioso e que nada significa...»

*

Enfim, saímos a custo dos múltiplos enredos da sua vida, pela única porta aberta aos críticos — a da sua Arte, instruída da sua primeira tradição, também a única verosímil.

Quanto às extravagâncias possíveis e até prováveis, antes da sua ida definitiva para Stratford, — mais do que o conhecimento das suas ficcionárias biografias, nos esclarece a história da côrte de Elisabeth, com todo o seu enrêdo estranho. Jean Richepin, cujos estudos em parte resumimos, no desenvolvimento da presente nota, não só frisa a influência daquela côrte, na obra do Poeta, como conclui, a propósito do seu carácter e Arte o seguinte:

— «A Arte e a moralidade estão sôbre dois planos diferentes, dois planos que se não confundem, em boa verdade. Que de tempos a tempos estejam de acôrdo, simulando juntar-se sôbre um plano único, — eis o que pode

É uma quadra curiosa, que vale a pena ler e, por desventura, esqueceu la-

sucedor e encantar-nos.

.
«Mas se os dois planos se mantêm separados que fazer? Eu desejaria, de certo, que êle (Shakespeare) tivesse sido, ao mesmo tempo, um homem honesto, o grande artista, um bom pai, bom marido; mas, nem por isso, deixo de preferir que êle tenha sido o contrário de tudo aquilo e nos tenha dado uma bela obra».

O que vale concluir pela necessidade de admitir Shakespeare, tal como nos surge à primeira luz, liquidando a sua aventura dramática pelo regresso a Stratford, onde parece ter vivido os últimos cinco anos, longe do teatro das suas façanhas pessoais, como dos seus dramas — porventura viciado e avaro, como no-lo pintam, distraído no seu novo papel de rico, e, no entanto, sempre, de alguma forma, lembrado das suas antigas relações e da vida de scena, como é positivo e se vê ainda do próprio testamento, em que contemplou dois camaradas.

Assim chegamos, naturalmente, e ainda guiado pela lenda, até à morte do Poeta, na sua terra de origem, afinal também a mesma onde, porventura a seu desejo, foi inumado e, de direito, é que descanse.

Isto, mau grado as lamentações de Irving, quando, ao visitar o seu túmulo, entre os velhos monumentos da nobreza, que o rodeiam, notava, com mágoa, o seu desenho mais do que modesto!

(Confronte-se J. Richepin, ob. cit.; Oeuvres dramatiques de William Shakespeare, traduction par Georges Duval; W. Irving; e Garrick).

vrar na sepultura de Camilo, onde, já agora, se torna necessário esculpir sua definitiva cláusula testamental.

«Good friend, for Jesus'sake, forbear,
To dig the dust enclosed here.
Blessed be he that spares these stones,
And curst be he that moves my bones.»

«*E amaldiçoado seja o que revolver os meus ossos*»! gritou Shakespeare, ou a tradição por si.

E tal defesa bastou a que jamais se destampasse o misterioso jazigo.

Enfim, pois que eram precisos exemplos, aí ficam os maiores, — sem que os paízes a que tão notáveis homens de génio pertenceram, descessem algum dia, a obrigar suas memórias a um pariato de cinzas que, por cláusula tes-

tamentária, ou circunstâncias casuais, pudesse tomar-se como violência.

E, entretanto, jamais a França ou a Inglaterra renegaram do culto quási fanático em que teem os seus *imortais*; e, sobretudo, aqueles que por si bastariam a afirmar, mais do que o prestígio dos seus paízes—o valor das respectivas raças.

Derivando daqueles casos, ou antes, aprendendo da attitude de tais nacionalidades,—se assim é preciso!—em qualquer daqueles exemplos temos, naturalmente, indicado o que ao Estado, ou melhor ao povo português,—pertence resolver acêrca de Camilo, e sempre de acôrdo com a sua memória.

Levante o Povo português, (ponhamos sempre de parte, em questão de



· O JAZIGO DE CAMILO NA LAPA

AS CINZAS DE CAMILO

gédias a aproximação da que lhe fôra companheira e suave cúmplice!

Esta página é a mesma em que responde a Vieira de Castro, quando êste, numa explosão de amizade, lhe denunciou o que os seus inimigos ao tempo propalavam para melhor o ferirem.

Formara-se uma atmosfera de malquerença contra Camilo, e, como sempre em tais casos, a má vontade dos seus inimigos deu-se a jogar com um abjecto romance, adrede disposto a pôr de seu lado a chamada moral burguesa —ou seja o mais perro estalão que ainda se inventou para avaliar sensibilidades!

Então, a tal propósito lhe contou Vieira de Castro o que, a seu respeito, se espalhara pelas praças, e, por sua vez, ele reproduz da maneira seguinte:

— «Que eu, confidente e depositário das cartas que uma senhora casada es-

crevera a um homem ausente, ameaçara essa senhora de revelar ao marido a culpa indicada nas cartas, se ela continuasse a repelir-me; e que a senhora ameaçada, aceitando metade da minha infâmia transigira com a proposta».

A tal ensejo escreveu Camilo aquela página, que, já agora, reproduziremos, na parte final, aliás menos como seu desagravo—por desnecessário, do que por ver o que, então pensava do natural destino das suas cinzas:

«Meus amigos e meus inimigos! se, por violências de uma paixão brutal, exacerbada pela embriaguez, eu resvasse à infâmia de forçar a resistência da derradeira mulher na escala das per-

didas — Deus sabe quem são as perdidas! —; ao despertar dêsse infernal aturdimento com a consciência do meu crime, matar-me-ia com asco de mim próprio.

No regaço dessa senhora, tão cruelmente aviltada, tenho dous filhos. É para meus filhos que eu escrevo esta página que me pareceu até hoje impossível.

Receio que êles ainda tenham de ver a serpente da calúnia a rojar-se na sepultura de seu pai. Sinto-me no cabo da vida; e tenho maior pejo da posteridade que dos meus contemporâneos. Quero que estas crianças saibam dêste livro que o pregão afrontoso aos caluniadores foi escrito quando ainda viviam as pessoas que podiam desmentir-mo.

No punhado de minhas cinzas hão de estar as de sua mãe — esta levantada

alma que ainda não verteu uma lágrima na voragem que lhe devorou os respeitos do mundo, e a pérfida riqueza com que seus perdoáveis pais a violentaram sem dó de sua inocência e formosura dos dezoito anos ».

No punhado de minhas cinzas hão de estar as de sua mãe!

Aí está o que me seduzia a pugnar pela aproximação das duas urnas.

Afinal, parece que a mesma fatalidade que um dia os reuniu, noutro os dispersou!

Nas cartas finais de Camilo a Freitas Fortuna, acêrca das suas cinzas, há apenas uma alusão a D. Ana Plácido.

E, ainda na sua declaração de 22 de Novembro de 1886, prevenindo o suicídio, a recorda, pensando aflitiva-

mente no mau acaso de que ela o antecipe na morte!

.

*« A mãe destes dois desgraçados, escreve êle, não promete longa vida; e, se eu pudesse arrastar a minha existência até ver Ana Plácido morta infalivelmente me suicidaria. Não deixarei cair sôbre mim essa enorme desventura, a maior, a incompreensível à minha grande compreensão de Desgraça »*¹.

Assentemos, pois, para lá de todo o raciocínio, e perto, unicamente, da vontade de Camilo, no que a seu respeito, e a propósito do destino dos seus restos, êle, deliberadamente, dispôs, e importa que, em bem de sua memória, nós todos acatemos.

¹ *Camilo Inédito* anotado.

Eu creio que das razões transcritas resulta, saliente, a violência da transladação!

A sua extraordinária figura está acima do feiticismo público que, por capricho, intentasse a macabra canseira de lhe remexer ou espreitar a ossada.

Além de que aos poderes públicos impende guardá-la. Isto sim, é de seu cargo!

E se, efectivamente, à consciência nacional, -- para lá do susto romântico do enrêdo do seus livros e do ódio herdado da geração anterior contra êle, já chegou o culto devido pelo sacrifício dos quarenta anos da sua escravidão literária, — não se exasperem os seus devotos que não teem pouco em que empregar a admiração, por exprimirem todo o reconhecimento que lhe devem!

Assim, por exemplo, não falando já

nos monumentos a erigir-lhe—que esforço não lhes será necessário para apartarem das escolas êsses manuais de mentira que por lá correm—e substituí-los por livros de excertos seus, para que dêles resulte no coração dos futuros homens a sempre viva expressão da sua grande alma!

Esta seria a primeira, a grande tarefa.

Mas não vale a pena forçar o Tempo. Demais que o Tempo chega sempre na altura devida!

Nós é que, às vezes, por nos darmos a impressão de que também governamos fora dêle, pretendemos deslocar sua justiça. Afinal, êrro de humanos; mais nada!

Enfim, Camilo pôde sempre dizer como Liszt:—tenho tempo, esperarei...

Que importa, pois, que sejamos nós

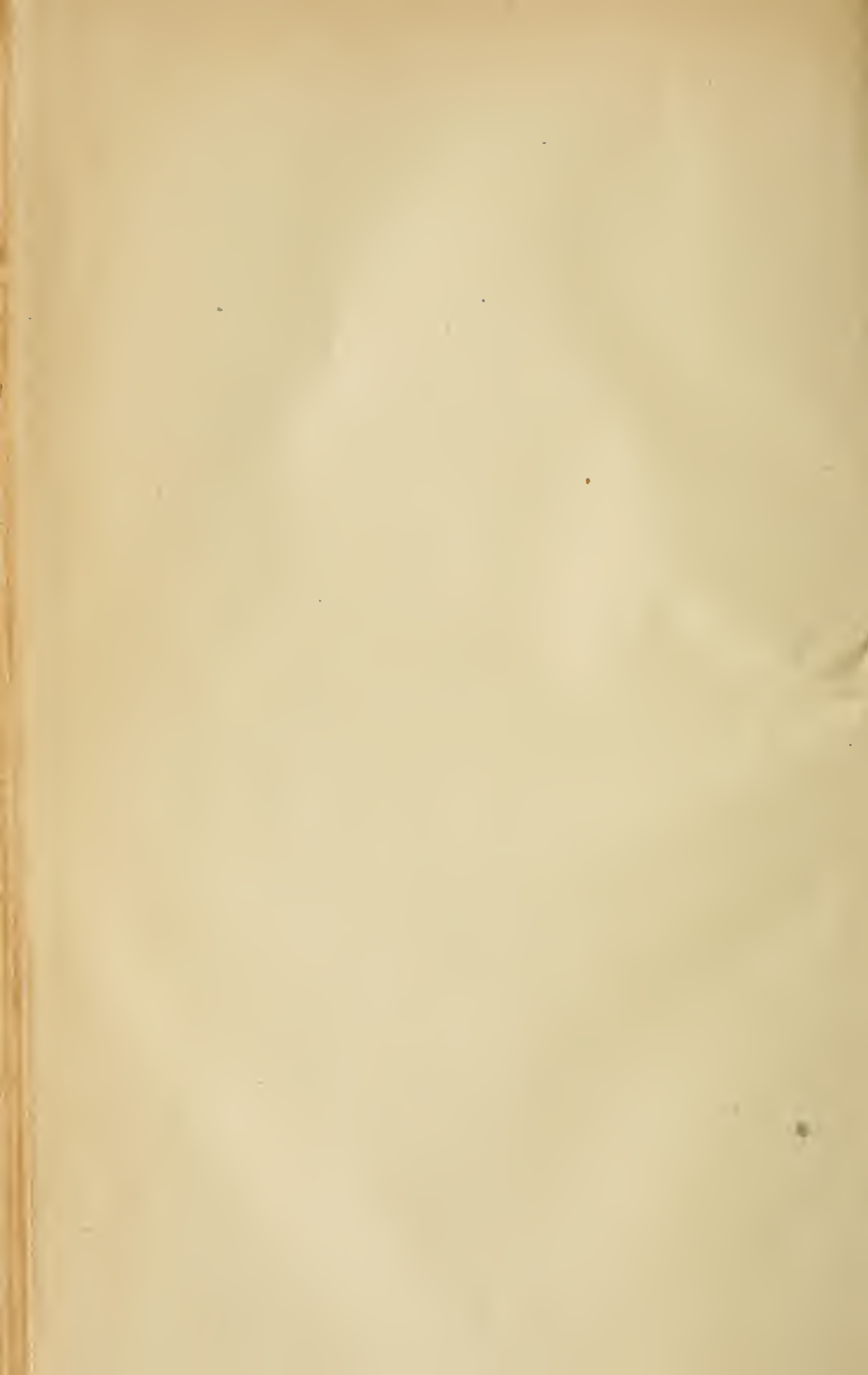
ou outros os que definitivamente o sagremos?

O que importa é termos a certeza de que a sua memória venceu. De resto, também o facto da sua capela, na Lapa, ser modesta, nada representa. Deixemos os grandes mausoléus para os *seus brasileiros*; estes, sim, precisam dêles.

Camilo não, pois que é já tão grande, — embora o vejamos ainda crescer, dia a dia, na consciência pública, que êle, mais a sua memória surgem bem dali, como da mais exígua das suas brochuras.

É que é de seu privilégio, como, em geral, de todos os artistas, a mesma ubiquidade milagrosa dos santos.

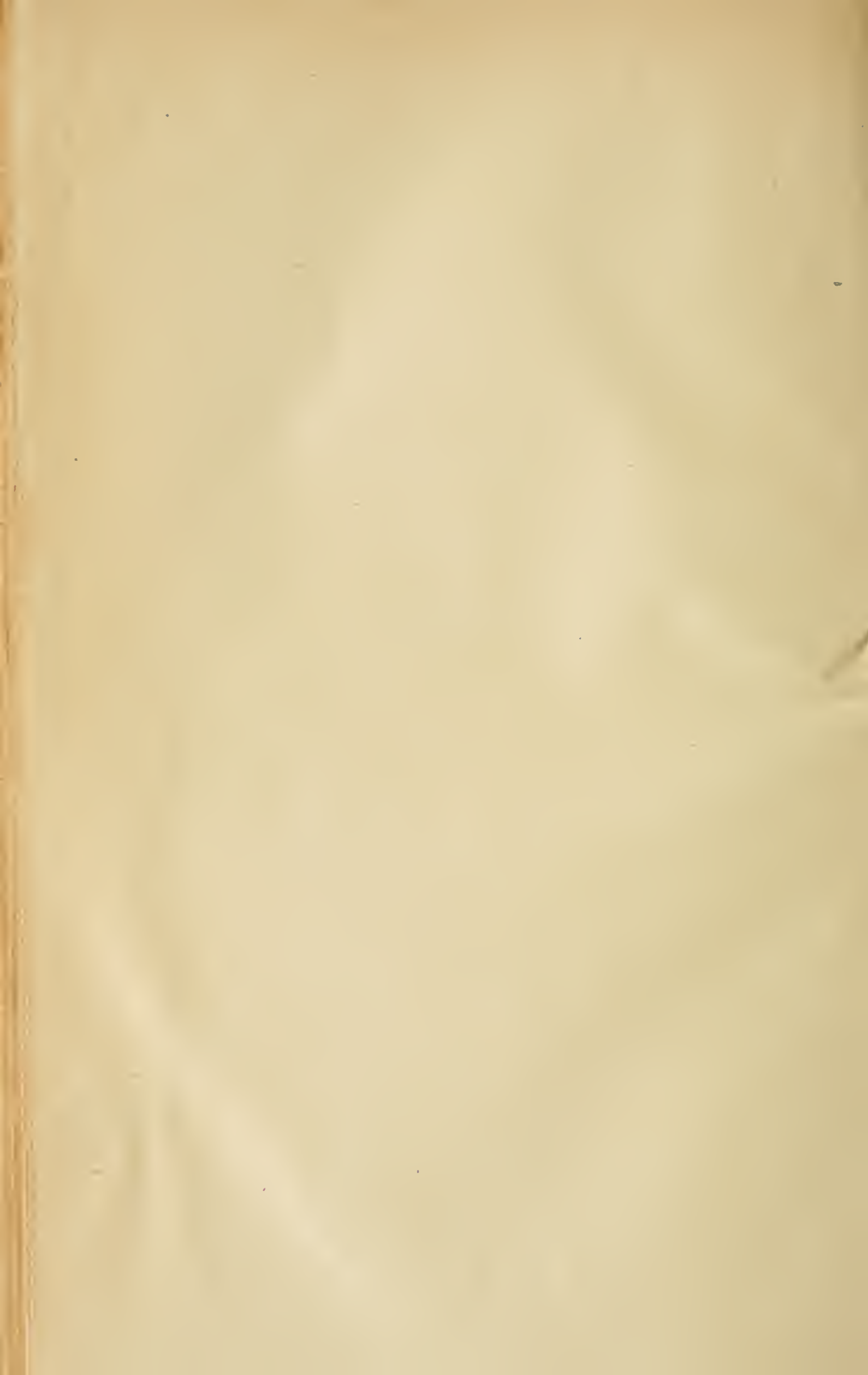
Tanto maiores são, melhor cabem em toda a parte — ainda nos mais humildes templos...



ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Pág.

Retrato de Camilo, por António Carneiro	9
Retrato de D. Ana Augusta Plácido	17
Último retrato de Camilo feito na «União»	33
Projecto de monumento a Camilo, por Teixeira Lopes	49
O Jazigo de Camilo na Lapa	65



ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.DA,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 9 DE MARÇO DE 1925.







